

LIMITES DO BELO

estudos sobre a estética de Friedrich Schiller



LIMITES DO BELO

estudos sobre a estética de Friedrich Schiller

Ricardo Barbosa



© Relicário Edições

© Ricardo Barbosa

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B238l

Barbosa, Ricardo.

Limites do belo: estudos sobre a estética de Friedrich Schiller / Ricardo Barbosa. – Belo Horizonte: Relicário, 2015.

196 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-66786-27-9

1. Estética. 2. Filosofia. 3. Schiller, Friedrich, 1759-1805.

I. Título.

CDD-111.85

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif (UFMG)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHES/Paris)

Pedro Sussekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virgínia Figueiredo (UFMG)

Davidson de Oliveira Diniz (UFRJ)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Maria Fernanda Moreira

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

À Carol



Apresentação 9

Schiller e o problema do fundamento objetivo do belo
As Preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93 e Kallias ou sobre a beleza 13

As três naturezas. Schiller e a criação artística 41

Sobre o sublime teórico em Schiller e o espírito trágico do idealismo transcendental 55

Verdade e beleza

Schiller e o problema da escrita filosófica 77

A especificidade do estético e a razão prática em Schiller 119

O “idealismo estético” e o *factum* da beleza
Schiller como filósofo 135

Bibliografia 185



APRESENTAÇÃO

Friedrich Schiller (1759-1805) dedicou-se intensivamente à filosofia entre 1791 e 1795. Seus trabalhos desse período foram essenciais para a formação da estética como uma disciplina filosófica autônoma, do classicismo de Weimar, do idealismo alemão e da crítica estética da modernidade. Os múltiplos efeitos da obra filosófica madura de Schiller se deixam ver como resultantes de um contínuo esforço de reflexão sobre uma pergunta recorrente – uma pergunta que, como dissera Kant, seria o fulcro de todas as demais questões que incitam a razão humana: a pergunta pelo que somos, a pergunta pelo homem e sua destinação. Schiller fora despertado para esse questionamento ainda bem jovem, quando, muito a contragosto, estudou medicina. É significativo que tenha concluído sua formação com um *Ensaio sobre a conexão da natureza animal do homem com a sua natureza espiritual* (1780).

A pergunta pelo homem ainda se apresenta nos escritos filosóficos maduros antes de tudo como uma pergunta pela *unidade* da natureza humana. Schiller, porém, a formulou sobre uma base inteiramente nova: a teoria kantiana das faculdades humanas. Não é casual que o problema se afigure agora como o da unidade entre a razão e a sensibilidade e seja exaustivamente tratado na perspectiva da crítica do gosto, pois o gosto teria o poder de não só *reconciliar* a razão com os sentidos, como também de promover a *permeabilidade* das formas fundamentais da racionalidade sem lesá-las em sua *autonomia*, ou seja, sem ferir a soberania do entendimento na esfera teórica, da razão na esfera prática e da imaginação na esfera estética.

Schiller formara tais convicções sobre o poder unificador do belo e do gosto antes mesmo de sua adesão ao idealismo transcendental, como testemunha o conhecido poema “Os artistas” (1788-89); no entanto, a leitura de Kant não só lhe permitiu formulá-las com rigor filosófico, como

também o instigou a tentar estabelecer o que o próprio Kant julgava impossível: um princípio objetivo para o belo e o gosto. Essa tentativa e algumas de suas implicações são tratadas nos estudos “Schiller e o problema do fundamento objetivo do belo. As *Preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93* e *Kallias ou sobre a beleza*” e “As três naturezas. Schiller e a criação artística”.

Schiller colocou em evidência a permeabilidade das formas autônomas da racionalidade perguntando até que ponto pode o gosto *promover* a verdade e a moralidade, mas também *prejudicá-las*. Assim, ele se ocupou de uma questão normativa: a de estabelecer os *limites* do gosto face às exigências do conhecimento teórico, por um lado, e do conhecimento prático, por outro. Em “Verdade e beleza. Schiller e o problema da escrita filosófica” aquele aspecto da questão é analisado no contexto de uma polêmica com Fichte em torno do direito ao uso de procedimentos estéticos em obras filosóficas; em “A especificidade do estético e a razão prática em Schiller” a ênfase recai sobre o outro aspecto da questão: a defesa de uma legítima aliança entre o gosto e o senso do dever, que também resulta na superação do ascetismo moral kantiano.

Ao resgatar Schiller para a história da filosofia, Wilhelm Windelband caracterizou o seu pensamento como uma modalidade de idealismo entre as diversas surgidas à época: o “idealismo estético”. Embora estabelecida de um ponto de vista historiográfico, essa caracterização é antes expressiva da convicção de Schiller, segundo a qual o idealismo transcendental, radicalmente compreendido conforme o seu espírito, que consiste na exigência da unidade da natureza humana, só se deixa fundamentar *como* um idealismo *estético*. A *Elementarphilosophie* desenvolvida em *Sobre a educação estética do homem* desempenha esse papel fundamentador. Elaborada como uma analítica antropológica, ela visa a resolver o problema da unidade da natureza humana mediante a dedução de um conceito racional puro do belo, sobre o qual deve ser erguida toda a filosofia transcendental. Essa convicção de Schiller acerca do caráter estético do idealismo transcendental resultou em parte de uma tomada de posição original em face da problemática geradora do idealismo alemão – a fundamentação da razão à base de

um princípio incondicionado –, particularmente como formulada por Fichte. Essa interpretação é proposta no estudo “O ‘idealismo estético’ e o *factum* da beleza. Schiller como filósofo”, refletindo-se também em “Sobre o sublime teórico em Schiller e o espírito trágico do idealismo transcendental”.

* * *

Sobre a origem dos textos

1. “Schiller e o problema do fundamento objetivo do belo. As *Preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93 e Kallias ou sobre a beleza*” recupera o essencial das introduções que preparei para minhas traduções dessas obras de Schiller. Republicá-las separadamente resultaria em repetições desnecessárias, em prejuízo da unidade do seu conteúdo. (Cf. F. Schiller, *Kallias ou sobre a beleza. A correspondência entre Schiller e Körner, janeiro-fevereiro de 1793*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002; id. *Fragmentos das preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93*. Belo Horizonte: UFMG, 2004).
2. “As três naturezas. Schiller e a criação artística” foi publicado na revista *Matraga* (v. 18, nº 29, jul./dez. 2011, p. 201-14).
3. “Sobre o sublime teórico em Schiller e o espírito trágico do idealismo transcendental” é uma versão modificada de uma comunicação apresentada no “XII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF”, realizado em Salvador em outubro de 2006.
4. “Verdade e beleza. Schiller e o problema da escrita filosófica” é uma versão ampliada de um artigo publicado na *Revista de Filosofia da SEAF* (ano IV, nº 4, 2004, p. 16-37).
5. “A especificidade do estético e a razão prática em Schiller” foi publicado na revista *Kriterion* (v. 46, nº 112, dez. 2005, p. 229-42).
6. “O ‘idealismo estético’ e o *factum* da beleza. Schiller como filósofo” é a versão original a partir da qual preparei uma conferência lida

no “Seminário Internacional Arte no pensamento”, realizado no Museu Vale do Rio Doce, em Vitória, em março de 2006.

Naturalmente, os estudos aqui reunidos foram revisados sob todos os aspectos, sempre em proveito da clareza e da correção. Os acréscimos superaram em muito os cortes. A repetição de certos motivos característicos do pensamento de Schiller e de fatos significativos de sua biografia resultou inevitável numa coletânea como esta. Ela se deve à independência das partes e, como creio, não prejudica a unidade do todo.

Sou muito grato ao CNPq, ao *Schiller Nationalmuseum / Deutsches Literaturarchiv (DLA)* em Marbach am Neckar, ao DAAD e ao Prociência/Uerj pelo apoio imprescindível, assim como aos alunos dos cursos de graduação e de pós-graduação em filosofia da Uerj e aos colegas do Grupo de Trabalho em Estética da ANPOF por todas as ocasiões em que pudemos discutir sobre nossas pesquisas.

Ricardo Barbosa

Uerj – Departamento de Filosofia | CNPq